

AS MULHERES E A VIDA MÉDICA

Renan Kleber Costa TEIXEIRA¹, Vitor Nagai YAMAKI¹, José Antonio Cordero da SILVA² e Nara Macedo BOTELHO³

No último século, a participação feminina na medicina aumentou consideravelmente, passando de 22,28% em 1910 para 39,91% em 2010. Sendo que desde 2009, o número de novos registros junto aos Conselhos Regionais de Medicina há mais mulheres do que homens.¹

Mesmo vivenciando a “feminilização da medicina”, fato que ocorre ou ocorreu em diversas outras profissões, as mulheres continuam sub-representadas no que diz respeito à área acadêmica da medicina.²

Dados americanos, onde a representação feminina na medicina é cada vez mais expressiva, mostram ainda a pouca expressão das mulheres na área acadêmica, sendo 10% dos médicos reitores, 11% dos chefes de departamento e 14% dos professores catedráticos, entre o corpo docente clínico nas escolas médicas são mulheres.³

Dados nacionais evidenciam que a quantidade de homens e mulheres especialistas em alguma área médica é praticamente igual. Contudo, há uma concentração das mulheres em certas especialidades, como pediatria que 70% dos profissionais são mulheres, por outro lado, há várias especialidades onde é rara a presença de mulheres como urologia, ortopedia e traumatologia e cirurgia torácica onde, respectivamente, 1,2%, 5% e 6,5% dos profissionais são mulheres^{1,4}.

Em relação à publicação de artigos as mulheres se encontram aquém quando comparada à participação masculina, sendo este o principal parâmetro utilizado para mensurar a produtividade acadêmica de um pesquisador⁵. Além disso, a elaboração de artigos representa a

principal métrica utilizada para estratificar os pesquisadores, sendo o referencial utilizado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) para concessão de bolsas de pesquisa⁶.

Menos de 30% dos autores de artigos publicados em periódicos são mulheres, sendo que este número ascende ao decorrer dos anos^{5,7,8}. Contudo existe apenas um estudo nacional evidenciando esses dados. Foram investigadas quatro revistas nacionais de psiquiatria, onde 34,7% dos autores eram mulheres, porém, com crescimento na participação das mulheres ao passar dos anos, crescimento não expressivo na revista de maior impacto⁹.

Essa discrepância entre os sexos ocorre, predominantemente, devido a dois motivos: 1) maior predomínio de homens em várias especialidades médicas e ainda maior proporção de homens na área médica^{1,4} e 2) as mulheres, além de exercerem a jornada normal de trabalho como médicas, ainda apresentam uma “jornada extra de trabalho” com suas responsabilidades em suas casas e seus filhos tendo, portanto, menor tempo para se dedicar a pesquisa e até mesmo realizar pós-graduação *stricto sensu*^{1,4,5,7}.

Essa diferença entre os gêneros na área da pesquisa, certamente, irá diminuir com o passar dos anos. Pesquisas nacionais devem ser realizadas para melhor averiguar a situação nacional das mulheres pesquisadoras, bem como verificar outros possíveis motivos que levam à diminuta participação feminina na área acadêmica ou se existe barreiras à progressão dessas.

¹ Discentes do Curso de Medicina da Universidade do Estado do Pará UEPA

² Professor doutorando do Curso de Medicina da Universidade do Estado do Pará UEPA

³ Professora titular do curso de medicina da Universidade do Estado do Pará

Em última análise, devemos esperar “um toque feminino” nas próximas publicações na área biomédica, para acalorar as discussões e as pesquisas no meio médico.

REFERÊNCIAS:

1. Conselho Federal de Medicina. Demografia médica no Brasil. 1ª Ed. Brasília(DF): Conselho Federal de Medicina; 2012.
2. Bickel, J; Wara, D; Atkinson, BF et al. Increasing women’s leadership in academic medicine: report of the AAMC Project Implementation Committee. Acad Med. 2002;77:1043-1061
3. Women in U.S. academic medicine: statistics and medical school benchmarking 2004-2005. Washington, DC.: Association of American Medical Colleges, 2005.
4. Conselho Federal de Medicina. Demografia médica no Brasil. 2ª Ed. Brasília(DF): Conselho Federal de Medicina; 2013.
5. Jagsi, R; Phil, D; Guancial, EA; Worobey, CC; Henault, LE; Chang, Y; Starr, R; Tarbell, NJ; Hylek, EM. The “Gender Gap” in Authorship of Academic Medical Literature — A 35-Year Perspective. N Engl J Med 2006; 355(3):281-7.
6. Teixeira, RKC; Botelho, NM. QUALIS de revistas de Medicina. Rev. Para. Med. 2010; 24(3/4): 97-8.
7. Okike, K; Liu, B; Lin, YB; Torpey, JL; Kocher, MS; Mehlman, CT; Bhandari, M; Biermann, JS. The orthopedic gender gap: trends in authorship and editorial board representation over the past 4 decades. Am J Orthop. 2012;41(7): 304-10.
8. Sidhu, R; Rajashekhar, P; Lavin, VL; Parry, J; Attwood, J; Holdcroft, A; Sanders, DS. The gender imbalance in academic medicine: a study of female authorship in the United Kingdom. J R Soc Med. 2009; 102(8):337-42.
9. Mendlowicz, MV; Coutinho, ESF; Laks, J; Fontenelle, LF; Valença, AM; Berger, W; Figueira, I; de Aguiar, GA. Is there a ‘gender gap’ in authorship of the main Brazilian psychiatric journals at the beginning of the 21st century? Scientometrics. 2011; 86(1): 27–37.

Endereço para correspondência:

Renan Kleber Costa Teixeira

Telefone: (91) 8145-1108

Rua dos Mundurucus, 2256 Apto: 1401. Batista Campos – Belém – Pará

CEP: 66035360

E-mail: renankleberc@hotmail.com

Recebido em 21.05.2013 – Aprovado em 31.07.2013